

O FEIJÃOZINHO SURDO: PATRIMÔNIO CULTURAL LITERÁRIO DA COMUNIDADE SURDA

Alessandra Lopes de Castro¹
Mauro Silvano Medeiros Pereira²

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo analisar a obra O Feijãozinho Surdo como patrimônio cultural literário da comunidade surda, investigando sua importância na valorização da identidade surda, na preservação da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e na promoção da representatividade cultural e educacional da comunidade surda. Compreender quais são os aspectos que envolvem essas literaturas, entre eles, a cultura a identidade surda, o uso da língua de sinais e a experiência visual. Dessa forma, o presente artigo pesquisou a Literatura Surda e a Literatura Visual. Se baseou no livro de Rachel Sutton-Spence (2021), Literatura em Libras. Além de outros autores como Karnopp (2006), Redalyc (2023), Brasil escola (2024), Coelho (1997), Bahan (2006) e vários outros. Baseado nesse estudo, se percebeu que a literatura Surda e a Literatura Visual estão envolvidas em aspectos da cultura, da identidade e da comunidade surda. Constata-se ainda que a Literatura Surda abrange aspectos fundamentais da comunidade, da identidade e da cultura surda. Fortalecendo a comunidade ao promover vida, convívio, autonomia, e à medida que fomenta a luta por direitos e pela participação ativa na sociedade, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento cognitivo e linguístico da comunidade, ao se proporcionar o contato com suas próprias histórias, tradições e valores.

Palavras-chave: Literatura Surda. Identidade. Cultura. Libras. Inclusão.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the work O Feijãozinho Surdo (The Deaf Little Bean) as a literary cultural heritage of the deaf community. It investigates its importance in valuing deaf identity, preserving Brazilian Sign Language (Libras), and promoting the cultural and educational representation of the deaf community. The work seeks to understand the aspects involved in this literature, including deaf culture and identity, the use of sign language, and the visual experience. This article, therefore, researched Deaf Literature and Visual Literature. It was based on Rachel Sutton-Spence's book (2021), Literatura em Libras, in addition to other authors such as Karnopp (2006), Redalyc (2023), Brasil escola (2024), Coelho (1997), and Bahan (2006), among others. Based on this study, it was found that Deaf Literature and Visual Literature are involved in

¹ Discente do Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: alessandralc.castro@gmail.com.

² Professor/Mestre do Curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: mauro.medeiros@ufersa.edu.br.

aspects of the culture, identity, and community of deaf people. It also concludes that Deaf Literature encompasses fundamental aspects of the deaf community, identity, and culture. It strengthens the community by promoting life, coexistence, and autonomy, and by fostering the struggle for rights and active participation in society. It also contributes significantly to the cognitive and linguistic development of the community by providing contact with their own stories, traditions, and values.

Keywords: Deaf Literature. Identity. Culture. Libras. Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

Pode-se observar que a literatura em suas várias formas e expressões, faz parte de um dos mais relevantes patrimônios culturais da humanidade. Assim, engloba diferentes modos de vida, valores, crenças e identidades, o que contribui para a preservação e transmissão de saberes que permeiam ao longo do tempo.

No que se refere ao contexto da comunidade surda, surge a literatura surda, que se caracteriza por produções artísticas e narrativas que são criadas por pessoas surdas, para pessoas surdas, e que se utiliza, predominantemente, a Língua de Sinais - Libras - como meio de comunicação. Conforme destaca Felício (2014, p.31), “As comunidades surdas têm produzido literatura com objetivo de se ver e se mostrar em suas peculiaridades culturais, suas vivências, suas aspirações, desejos, sonhos e sentimentos” Salienta-se que estudar a literatura surda vai além do campo literário, mas também nas esferas educacionais, sociais e políticas, pois tais produções ratificam o reconhecimento da Língua de Sinais, além de incentivar práticas inclusivas que contribuem no combate ao preconceito.

Nesse viés, além da compreensão das manifestações culturais e literárias na comunidade surda, faz-se necessário compreender como um aspecto da diversidade cultural brasileira. Dentro dessa perspectiva, esse trabalho tem como base a análise da obra em Libras: O feijãozinho Surdo, em que têm aborda questões identitárias, culturais, e educacionais, como também a importância de escolas bilíngues para o desenvolvimento educacional e a inclusão dos surdos na sociedade e o reconhecimento do ser surdo.

Portanto, o presente artigo tem como objetivo analisar a obra O Feijãozinho Surdo como patrimônio cultural literário da comunidade surda, investigando sua importância na valorização da identidade surda, na preservação da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e na promoção da representatividade cultural e educacional da comunidade surda.

Com isso, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com caráter bibliográfico, fundamentada em autores como Coelho (1997), Goldfeld (1997), Reily (2004), Bahan (2006), Kaneko (2016), Sutton-Spence (2021), entre outros. Tal escolha ocorreu para que se interprete e compreenda os elementos simbólicos e culturais presentes na literatura surda, em que se reconhece a contribuição para a valorização e preservação da identidade surda.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, discutiremos sobre: i) Literatura e Cultura, apoiados nos estudos de Coelho (1997), Kaneko (2016), Sutton-Spence (2021) e Redalyc (2023). ii) Literatura Surda, com base em Goldfeld (1997), Reily (2004), Bahan (2006), Karnopp (2008), Durkheim (2012) e Sutton-Spence (2021). iii) Literatura em Libras, com suporte em Heidi Rose (2006), Dornelles (2010), Perlin (2013), Porto e Peixoto (2011) e Sutton-Spence (2021). iv) Análise da obra *O Feijãozinho Surdo*, fundamentada em Skliar (1997), Hall (1997), Doron e Parot (2001), Collares (2003), Damázio (2007), Kuchembecker (2009), Sousa e Bernardino (2011), Bakhtin (2019) e Sutton-Spence (2021).

2.1 Literatura e Cultura

Inicialmente, é preciso entendermos o que significa literatura, que de acordo com o portal Brasil Escola (2024), a literatura é um reflexo dos valores, das crenças e do imaginário de uma sociedade, sendo uma das formas mais antigas de registro cultural e transmissão de conhecimentos. É representada por meio de desenhos, sons, ideias, emoções e histórias, além disso, trabalha com os sentidos e símbolos diversos. Nem sempre representa a realidade, pois envolve diversão, imaginação, reflexão, emoções, criatividade e o mais importante é que ela afirma a identidade de um povo e valoriza a tradição.

Para Coelho (1997) a literatura é uma área de conhecimento de suma importância para a formação e desenvolvimento humano, não somente pela gratuidade e entretenimento que a ficção proporciona, mas por possibilitar aos leitores refletirem, porque vivenciam situações que são da ficção, mas que tem inspiração na condição humana, isto é, é na vida real das pessoas que os autores recontam essas experiências, ora valendo-se apenas do realismo cotidiano, ora do mundo maravilhoso e fantástico.

A literatura está relacionada com aspectos culturais, pois envolve a transmissão de valores, de tradições, de conhecimentos e experiência de um povo. Tem relação com os aspectos políticos e sociais por mostrar os problemas da sociedade, por criticar, por ironizar, além de contribuir com a compressão da realidade. Ressalta-se que estudos publicados na Redalyc (2023) reforçam o papel da literatura como artefato de expressão da cultura e identidade de grupos historicamente marginalizados.

Já no aspecto religioso essa relação está nas narrações que contam a origem das pessoas, influenciado no desenvolvimento da cultura, da identidade e na compreensão do mundo. Segundo Sutton-Spence e Kaneko (2016. p. 24), dizem que “a literatura é qualquer corpo de produções baseado na linguagem que é considerado socialmente, historicamente, religiosamente, culturalmente e linguisticamente importante para a comunidade”. Por isso, a literatura está para além da simples comunicação em textos orais ou escritos. Ela influencia a realidade e transmite conhecimentos, valores, ideias e críticas, se apresentando em várias formas de expressão linguísticas que seja importante para a comunidade.

A literatura é muito mais que uma simples criação linguística e não pode se resumir somente às obras de autores consagrados, como Graciliano Ramos, Monteiro Lobato, Raul Pompéia, Castro Alves, entre outros. Muitos desses escritores, já falecidos, possuem papel importante na contribuição de poesias, contos, romances e histórias infantis que marcaram a história da literatura brasileira. Salienta-se que a literatura trabalhada nas escolas, geralmente voltada para fins formais e inserida no currículo, o que é diferente daquela lida por prazer ou entretenimento, sem objetivos acadêmicos. Para Sutton-Spence (2021, p. 24), essas obras também fazem parte da literatura. Contudo, defende-se que ela não se limita ao uso acadêmico ou formal — a literatura também pode ser informal e voltada ao lazer, desempenhando um papel essencial na formação cultural e emocional dos leitores.

A literatura se divide em três grupos: O grupo das narrativas, que é a contação de histórias, as novelas, as crônicas, o conto, o romance e a fábula. O grupo dos líricos que são as poesias, que expressam sentimentos e por fim o grupo dramático que está relacionado ao teatro. Mas há tantas outras formas de literatura como as letras de músicas, as danças, os cordéis, as histórias em quadrinhos, a literatura surda, alguns até soam estranhos como exemplos de literatura, mas Sutton Spence (2021. p.25) cita que “cada gênero foi julgado por determinados

grupos de brasileiros como uma forma válida de se usar a linguagem criativa para gerar emoções no público”. Por isso seu conceito está para além de se comunicar, envolve sentir prazer.

A autora supracitada (2021. p. 25) cita que “Tratamos a literatura como um artefato ou evento linguístico não cotidiano, que vai além de simplesmente comunicar. O importante na literatura é o uso da linguagem com o principal objetivo de proporcionar prazer, de maneira que sua estrutura se destaque”. Esse conceito de prazer está relacionado com o conceito de estética, isso significa que é algo belo, aprazível, agradável e divertido.

Diante de todos esses exemplos de literatura entende-se que a sua definição não é estática, nota-se como a forma da literatura mudou e está em constante mudança, a partir do momento em que ela envolve a história de um povo, seus costumes e tradições. Sutton Spence (2021. p. 25) ainda relata que “Desde o modernismo, alguns poetas inovaram muito o modo de fazer poesia, associando elementos fortemente visuais, utilizando recursos das linguagens dos meios de comunicação de massa e buscando abolir a utilização do verso tradicional, por exemplo nos poemas concretos”. É possível notar essa mudança não só na poesia, mas em todas as formas de literaturas, exemplo disso são as letras de músicas como o funk, o sertanejo, o pagode, as músicas eruditas, e tantas outras que são representações da cultura e identidade de um grupo que está vinculado a literatura.

2.2 Literatura Surda

Conforme destaca o portal Brasil Escola (2024, n.p), “a Libras é a principal forma de comunicação e expressão da comunidade surda no Brasil, sendo reconhecida como meio legal e legítimo.” Trata-se de uma produção literária que envolve o uso da língua Brasileira de Sinais, a identidade e cultura surda, pois relata a experiência de vida dessas pessoas que são escritas ou narradas na língua materna, no caso a Libras. Segundo Karnopp (2008, p.14-15) a literatura surda está relacionada com a cultura surda, contada na língua de sinais de determinada comunidade linguística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que frequentemente relatadas, pelos contos, lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais. Desse modo, a literatura surda também transmite conhecimentos e cultura, além de proporcionar interação e comunicação.

A literatura surda proporciona diversão e distração, mas também trata de temas importantes para a comunidade surda. A ideia de literatura surda é aplaudir e sentir prazer em

assistir. Sutton Spence (2021, p.25) cita que foi “a partir do século XVI, surgiu a noção de que, entre todos os gêneros de texto, a literatura é que tem o prazer como o principal objetivo”, porém é preciso lembrar que também está ligada ao ensino. Ela continua sua fala citando que “Hoje, as noções de literatura e prazer são intimamente ligadas, mas há uma certa ironia quando a maneira de estudar a literatura se desvincula do prazer”, isso acontece por ela proporcionar o uso da imaginação e da criatividade, ou seja, a participação do mundo imaginário.

O que a difere das outras literaturas é o fato de a literatura surda não ter sido traduzida para a língua oral, ser visual, usar as expressões faciais e corporais, segundo Rachel (2021, p. 26), a literatura surda original da Libras, não foi traduzida da literatura das línguas orais para língua de sinais. Ela foca em mostrar a experiência de vida das pessoas surdas e a realidade dessa comunidade. A literatura surda resgata “A memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos” (Rosa, 2006, p. 61). Esse resgate leva a valorização, a afirmação da identidade surda, a inclusão ao permitir que os surdos interajam entre eles e com os ouvintes, além da propagação dessa arte chamada literatura surda.

Portanto, a literatura surda surgiu dentro das escolas de surdos. Bahan (2006) menciona registros da trajetória histórica da literatura surda, passando por internatos e escolas de surdos, nas quais os surdos mais velhos contavam histórias para os mais novos. Nesses momentos e nesse ambiente criado por eles contaram e recontaram narrativas, piadas, histórias e experiências de vida e vários gêneros literários da sua comunidade. Essa prática está em acordo com o que defendia Emille Durkheim que “a educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social” (Durkheim, 2012. p. 53-54). Acontecia desse modo, pois a língua de sinais era proibida nas escolas, sendo assim não havia o reconhecimento da cultura e identidade surda. Segundo afirma Karnoop (2008), “o ensino priorizava o aprendizado da fala e da língua portuguesa. Nas escolas, não havia espaço nem aceitação para as produções literárias em sinais”. E por isso que não se há registros dessas histórias. Foi só com o surgimento da Língua de Sinais no século XIX, que esse processo começa a mudar, nessa história marcada por desrespeito, preconceito e exclusão.

Segundo Goldfeld (1997) apud Araujo et al. (2015, p. 01), os surdos eram tratados com piedade e vistos como pessoas castigadas pelos deuses, sendo abandonados ou sacrificados. A surdez e a consequente mudez eram confundidas com uma inferioridade de inteligência. E até o século quinze foi visto como uma pessoa primitiva que não poderia ser educada.

Outro fato que também prejudica a literatura surda é que nem todo surdo participa da comunidade surda, pois nem todos se aceitam e se reconhecem como surdos, por viverem no ambiente dos ouvintes. Muitos encontram essa dificuldade de reconhecimento de sua identidade surda. Na realidade eles vivem no mundo dos ouvintes, trabalham com os ouvintes, muitas vezes em sua maioria são os únicos surdos na família. Logo, Doron e Parot, (2001), mencionam que “a identidade implica o processo de consciência de si próprio, sendo que esta ocorre por meio de relações intersubjetivas, de comunicações linguísticas e experiências sociais, tornando-se um processo ativo”. Mas entre os que não encontram dificuldades de aceitação, eles conseguem se encontrar dentro de associações e até mesmo dentro das escolas, apesar de pouco tempo juntos, nada os impede de trocarem experiências de vida, contar histórias, poemas e piadas e criarem sua própria cultura, identidade e literatura.

A partir de ambientes socializadores que os surdos se divertem e se reconhecem como surdo e usuários da língua de sinais. Para Alves e Karnopp (2003) os surdos reúnem-se frequentemente para contar histórias e, entre as preferidas, estão às histórias de vida, as piadas e aquelas que incluem elementos da cultura surda, com personagens surdos, com tramas que, em geral, envolvem as diferenças entre o mundo surdo e o ouvinte. Essa troca de informações e ideias fortalece a comunidade surda, a cultura surda, a identidade surda e o mundo visual ao qual eles pertencem. Assim como os ouvintes, eles gostam de se reunirem e é nesse momento que eles se reconhecem como surdos e compartilham a língua de sinais, assim como citam Kile e Woll, (1985, p. 21), “Eu sou uma pessoa surda e desejo estar em contato com outras pessoas que compartilham minha língua”. Isso significa que ao se reconhecer como uma pessoa surda haverá mudanças de posturas e comportamentos, valorização e empoderamento da cultura surda, além da aceitação do que é diferente e do que faz parte dessa comunidade.

Ademias, com o tempo isso foi mudando, como citado anteriormente, foi com o surgimento da Língua de Sinais, com o pioneirismo do professor francês Charles-Michel de L'Épée, responsável por criar um alfabeto de sinais para ensinar seus alunos surdos, no ano de 1755, por esse feito e também por se dedicar à educação de surdos, recebeu o nome de “pai dos surdos”. Segundo Reily (2004, p. 116) “A iniciativa de L'Épée revolucionou as possibilidades de educação, comunicação, interação e cidadania para os surdos, um grupo que se encontrava marginalizado e excluído até então.” Logo, no ano de 1755, a Língua de Sinais surgiu, mas foi só com o reconhecimento dessa língua que a comunidade surda e tudo que se refere a esse grupo

começa a ter notoriedade. A Lei de nº 10.436/2002, cita que a Libras é aceita como um meio de comunicação e expressão entre surdos, reconhecendo que a Libras possui gramática própria e é a língua materna das pessoas surdas. O documento, ainda em seu parágrafo único. “Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (Brasil, 2002, n.p). Isso é de fundamental importância, pois permite que as pessoas surdas, tenham acesso à informação, aos estudos, à vida social, à cultura e ao lazer, ou seja, que eles possam usufruir dos seus direitos e deveres que estão citados na Constituição Federal de 1988. Além disso, a lei também traz que a Libras precisa ser ensinada na formação de professores, faculdades e cursos de extensão.

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto. Com isso, libras já passou a ser ensinada nas faculdades e em cursos diversos, como nos cursos de extensão, nos cursos de formação continuada e nos de curta duração (Brasil, 2002, n.p).

Esse reconhecimento junto com a advento das tecnologias impulsionaram a literatura surda, que para Kalinke, (1999):

[...] Os avanços tecnológicos estão sendo utilizados praticamente por todos os ramos do conhecimento. As descobertas são extremamente rápidas e estão à nossa disposição com uma velocidade nunca antes imaginada. A internet, os canais de televisão à cabo e aberta, os recursos de multimídia estão presentes e disponíveis na sociedade (Kalinke, 1999, p.15).

Foram esses recursos de multimídia que permitiram que a literatura surda pudesse ter mais registros de suas obras. Por ser a libras uma língua visual- gestual para registrá-la é preciso fazer imagens, vídeos, filmagens, gravações em fitas de VHS, CD, DVD. Há também registros, que mesmo em poucas quantidades, na escrita de sinais SignWriting. Sutton-Spence (2021), cita em seu livro Literatura em Libras, “a literatura surda em língua de sinais não se desenvolve

somente na modalidade sinalizada. Existem alguns exemplos de Literatura em Libras Escrita, especialmente, e atualmente, em SigWriting”. Essa escrita que permite ler e escrever sem precisar de tradução para uma língua oral, vem ganhando espaço gradualmente, e se tornando uma forma de registrar essas obras. São exemplos de textos originais em Línguas de Sinais que já estão na escrita de SignWriting, a história Onze histórias e um segredo - desvendado as lendas amazônicas, em que apresenta origem nas lendas indígenas e foi escrito por Taísa Sales. Conforme Marquezi (2019), “esse sistema já foi usado para as histórias infantojuvenis traduzidas ou adaptadas por razões didáticas”. Essas razões didáticas se relacionam com a aprendizagem eficaz, pois torna o texto visual, assim como simplifica a linguagem e ajusta o material de acordo com a necessidade do estudante. Além disso, as histórias mexem com o imaginário das crianças, despertam a criatividade e o desenvolvimento cognitivo. A contação de histórias torna-se mais prazerosa quando está de acordo com a cultura das crianças, por isso a necessidade de ser em língua de Sinais, respeitando a cultura e a identidade surda. Consoante ao exposto anteriormente, Oliveira (2016, p. 7), cita que “[...] em contato com crianças surdas em sala de aula podemos observar o quanto elas se interessam pelos contos infantis e em especial os próprios da sua cultura”. Exemplo de um livro bilíngue, que é escrito em português e Libras, é o Cinderela Surda, de acordo com Silveira, Karnopp e Rosa (Silveira; Karnopp; Rosa, 2003).

Diante dos fatos tratados, pode-se observar que a literatura surda está vinculada à questão da identidade e da cultura surda, não é algo estático, pelo contrário, está passando por transformações constantemente. Expressa as experiências de vidas, a cultura e a identidade das pessoas surdas, assim como as lutas e conquistas por meio da língua de sinais. Para Mianes, Muller e Furtado (2011), a literatura surda [...] pode ser compreendida como uma das formas utilizadas pelos sujeitos surdos para transmitirem sua(s) cultura(s). Por meio dela, eles registram suas histórias de vida, suas lutas e as conquistas das comunidades surdas ao longo dos anos, produções que são (re)criadas de uma geração para a outra, também relatam dificuldades, desejos, práticas de sua comunidade e percepções acerca do mundo; e, a partir disso, posicionam-se e manifestam-se politicamente. Além disso, produz-se humor e prazer estético, mergulhando em um universo imaginativo que, nem por isso, deixa de estar relacionado às suas experiências e à circulação das produções culturais surdas em diferentes culturas.

2.3 Literatura em Libras

A literatura em Libras é uma produção que tem a origem na língua de sinais cotidiana. Usa a Língua Brasileira de Sinais (Libras), que acontece por meio das expressões faciais, corporais e sinais para relatar a experiência de vida das pessoas surdas. Para Heidi Rose (2006, p. 26), uma escritora norte americana, “a literatura em qualquer língua de sinais, se destaca por ser diferente, pois mescla a língua, as imagens visuais e a dança, sendo uma mistura de sinais e gestos, pode ser considerada uma literatura do corpo e de performance”. Essa diferença também, tem a ver por ela usar o espaço e o movimento, por isso, ela cria uma experiência mais dinâmica e sensorial, ela não se limita ao tempo que é o que acontece com a escrita.

Ressalta-se, também, que a literatura em Libras se concentra na forma estética das línguas de sinais. Isso quer dizer que ela desperta a admiração do leitor devido à sua perfeição artística, ou seja, perceber e valorizar a beleza da construção da obra. Para Sutton Spence (2021, p. 26), “a literatura nos permite brincar com a língua para gerar prazer, tanto em português quanto em língua brasileira de sinais.” Essa estética está vinculada ao significado de experiência, sensibilidade, conhecimento sensível, sentimento, sensação e percepção. É uma forma de conhecer o mundo através dos cinco sentidos como a audição, visão, paladar, olfato e tato. Conforme cita Sutton Spence (2021, p. 25), “Por isso, uma característica da literatura é a percepção da linguagem estética - bela, aprazível, agradável e divertida”. Vale ressaltar, que apesar de prazerosa ela retrata a experiência de vida das pessoas surdas, assim como todas as lutas enfrentadas por essas pessoas.

Esse brincar citado por Sutton Spence, se refere ao fato de que a Libras não é uma linguagem, assim como é confundida por muitos. Ela é uma língua, igual ao português e tantas outras que permitem que as pessoas possam interagir e comunicar-se entre si, além de oportunizar o conhecimento de novas culturas. Para os surdos a língua de sinais permite que eles tenham acesso não só ao dos mundos dos ouvintes, mas ao mundo em geral. Sutton Spence (2021, p. 27) reforça isso ao citar “ Ela é uma língua completa e deve ser usada para todas as funções de uma língua, inclusive a lúdica”. Destaca-se, que a literatura em Libras é um artefato cultural expressivo que se constitui de fatores corporais, visuais, imagéticos que transmitem uma experiência única. Além disso, reproduz a singularidade de quem os produz, por isso, acaba trazendo as marcas da cultura.

Para Dornelles (2010), “[...] artefatos culturais não têm significados únicos, fixos e intocáveis, seu significado depende do que eles significam em determinados contextos”. Esses

artefatos são carregados de significados que vão passando de gerações em gerações, que trazem consigo a história, os valores e as crenças de um grupo de pessoas, com isso eles podem ser mantidos ou adaptados ao longo do tempo.

Mas o que diferencia a Literatura surda da Literatura em Libras? A diferença é que a literatura surda envolve a identidade que é a maneira como o surdo se vê e como ele se relaciona com o mundo. Conforme Perlin (2013), as identidades surdas são o conjunto de marcas que caracterizam os surdos e se definem pela relação do indivíduo com a representação visual do mundo e com o uso de uma Língua de Sinais. Ou seja, aqui ele compreende que o ser surdo não é só uma deficiência, mas enxerga para além disso como questões culturais e linguísticas. Além disso, envolve a cultura. Strobel (2008, p. 24) explica que a “Cultura Surda é o jeito do surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais que contribuem para a definição das identidades surdas”. Essa questão da cultura está associada aos valores, costumes e crenças que vão passando de geração em geração. Além de como o surdo vê o mundo e interage, obtendo informações e se comunicando com ele. A literatura surda é desenvolvida na Língua de Sinais, e não passa por adaptações.

Já na Literatura em Libras, alguns autores a chamam de literatura visual. Ela passa por adaptações, traduções e criações. Ela não foi elaborada só na língua de Sinais. É como explica Porto e Peixoto (2011) que a Literatura em Libras se refere a três tipos de produções: traduções, adaptações e criações. As traduções são obras da literatura de línguas orais que são traduzidas para a Libras. Para Sutton-Spence (2021) nas traduções literárias é importante carregar o valor estético, o principal objetivo da tradução é recriar, o máximo possível, as mesmas informações produzidas no texto em português na versão em Libras. A autora ainda afirma que para que essa tradução aconteça é preciso “um conjunto de conhecimentos e habilidades necessários para se traduzir textos sobre literatura.” Essa tradução é importante para despertar nos surdos o desejo de criar sua própria literatura, isso já acontece com a Literatura Surda que são obras criadas pelos próprios surdos. Usam a língua de Sinais, expressões faciais e corporais, movimentos e classificadores. Exemplos disso são: Os três ursos, Cinderela e Os três porquinhos.

Adaptar textos para Libras envolvem alguns critérios como adaptações linguísticas, culturais e sociais. Nesse caso ela será modificada para atender as necessidades dos leitores. Uma mudança será para a língua de sinais que vai se aproximar da cultura do leitor, essa adaptação envolve questões culturais, sociais, históricas ou até mesmo situacionais. As culturais englobam

mudança para uma cultura que vai envolver costumes, práticas e valores diferentes da literatura original. E nas sociais é uma adaptação que vai permitir ajustes necessários para atender ao público surdo. O exemplo disso é que um personagem ouvinte pode ser substituído por um surdo. Conforme Sutton-Spence (2021, p. 41), “Nas adaptações apresentadas em Libras, a obra original passa por alguns ajustes para mostrar a perspectiva dos surdos, podendo, por exemplo, incluir alguma personagem surda que não se encontrava na forma original”. Ela também cita que “algumas adaptações soam mais como um reconto.” Ou seja, a história será contada de novo, mas com adaptações para atender ao público surdo.

E a terceira, criações, trata-se da Literatura Surda, que é feita pelos surdos, focada nas pessoas surdas e nas experiências de vida dessas pessoas. Chamada por Skliar (2001) de visão socioantropológica da surdez. Isso significa que o que se vê não é a deficiência, ou limitações, mas o que essa deficiência pode causar, entre as diferenças culturais e linguísticas. Valoriza a Língua de Sinais como meio de comunicação e interação, assim como a identidade surda, a cultura surda e a comunidade surda. A proposta dessa visão é romper com essa deficiência como uma limitação, mas permitir a inclusão, o acolhimento, o respeito e o fortalecimento das diferenças.

A Literatura surda como a em Libras têm outro papel fundamental, elas podem ser usadas como ferramenta para o ensino e aprendizagem. Esse processo pode acontecer por meio da contação de histórias que é mais um meio de transmitir cultura, valores e conhecimento. Além disso, habilidades como a imaginação, a criatividade e o pensamento crítico são aperfeiçoadas. Para Sutton-Spence (2021),

O conteúdo das histórias é educativo. As que contam fatos são boas ferramentas para o ensino porque os estudantes aprendem melhor quando as informações são apresentadas num contexto mais divertido, e a contação pode justamente ajudar a despertar o interesse em um assunto. Em qualquer situação, aliás, a contação pode estimular a imaginação (Sutton-Spence, 2021, p. 239 e 240).

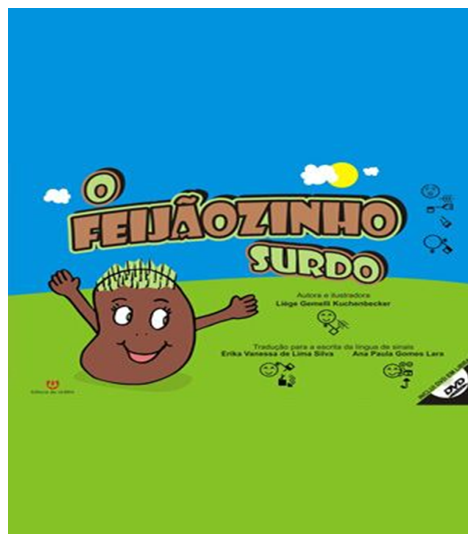
Ademais, elas também vão ajudar as crianças ou os adultos a compreenderem melhor o mundo em que vivem e a entender qual o seu lugar e papel nele. Ainda, a literatura tem também o papel de aculturar, isso significa que o aluno surdo vai se socializar com sua cultura, assimilar conhecimentos da comunidade surda e suas regras de comportamento, assim como desenvolver habilidades sociais fundamentais para todas as áreas da vida.

De acordo com Sutton-Spence (2021, p. 240) ainda defende que “para alunos surdos, a contação de histórias e de poemas em Libras pode até contribuir para a criação e manutenção de suas identidades como pessoas surdas brasileiras.” Diante do exposto, entende-se que a Literatura em Libras é um tipo de literatura desenvolvida em língua de Sinais e de modalidade gestual, visual e espacial, que faz parte da literatura surda. E que a autora (2021) ainda acresce que, “apesar de não ser de origem surda e de não tratar do assunto específico das vidas dos surdos, muitas vezes, essa literatura em Libras traduzida ou adaptada é apresentada por surdos, destinada a surdos, na língua gestual-visual-espacial dos surdos e faz parte da literatura surda”. Isso significa que a história não foi baseada na vida e experiência dos surdos, mas sim em histórias criadas pelos ouvintes adaptadas para atender ao público surdo.

2.4 Análise de uma obra literária surda: O Feijãozinho Surdo

O estudo iniciará pela história, logo após será realizada a análise da obra: O feijãozinho Surdo, de Kuchenbecker, (2009). A obra destina-se ao público infantil e faz parte da criação da literatura surda. A obra foi escrita e ilustrada por Liêge Gemelli Kuchembecker. A tradução para a escrita de sinais foi realizada por Erika Vanessa de Lima Silva e Ana Paula Gomes Lara. Trata-se de um livro ilustrado, com muitas cores, que utiliza língua de sinais escrita e a Língua Portuguesa. Para Bakhtin (2019), cultura não pode ser fechada como algo pronto e acabado, mas sim, é tida como uma unidade aberta. A cultura se arma como o lugar de concepção do eu na interação com o outro, ou seja, o lugar de pensar, de ser pensado e interagir entre o eu, o outro e a cultura (Pajeú; Miotello, 2018). Aprender sobre a cultura é saber como se organizam socialmente, como pensam, interagem com o mundo, além de entender a identidade deles.

Figura 01 - Capa do livro



Fonte: Kuchenbecker, (2009).

Conta a história de um casal de feijões que se casam e tem um filho - O feijãozinho surdo. Quando eles percebem que o filho é surdo ficam assustados e preocupados. Foi então que aparece uma fada e ensina o feijãozinho a língua de sinais.

Figura 02 - Ilustração da literatura surda - O feijãozinho surdo (Parte I).



Fonte: Kuchenbecker, (2009).

A fada também sai em busca de uma escola para o feijãozinho, a primeira escola que ela encontra tem feijõezinhos ouvintes, mas que tinha intérprete de Libras.

Figura 03 - Ilustração da literatura surda - O feijãozinho surdo (Parte II).



Fonte: Kuchenbecker, (2009).

A fada resolve continuar sua busca por escolas, e encontra uma escola bilíngue, na qual todos os estudantes eram surdos e que os professores ensinavam em Língua de Sinais. A fada volta e conta para os pais e o feijãozinho sobre a novidade.

Figura 04 - Ilustração da literatura surda - O feijãozinho surdo (Parte III).



Fonte: Kuchenbecker, (2009).

A história gira em torno da família que aceita que o feijãozinho é surdo, o reconhecimento da comunidade surda, a utilização da língua de sinais e a Libras escrita por meio da SignWriting.

A história envolve aspectos da comunidade surda, demonstrando representação da cultura surda, pois permite ao Feijãozinho que tenha contato com a língua de sinais, com as produções artísticas, com as tradições, com os valores e que possa interagir com o grupo e trocar experiências de vida, proporcionando a criação e (re)criação de novas histórias de vida. Como afirma Skliar (1997, p. 56) “A cultura surda como diferença se constitui numa atividade criadora. Símbolos e práticas jamais aproximados da cultura ouvinte. Ela é disciplinada por uma forma de ação e atuação visual.” Na questão da identidade surda permitiu ao Feijãozinho o seu reconhecimento e pertencimento a um grupo que possui suas próprias tradições, características e valores. Doron e Parot defendem que “a identidade implica o processo de consciência de si próprio, sendo que esta ocorre por meio de relações intersubjetivas, de comunicação linguística e experiências sociais, tornando-se um processo ativo.” (Doron e Parot, 2001, n.p).

Ao se observar a narrativa, é necessário analisar sua classificação como literatura infantil, assim sendo direcionada ao público infantil. Tanto em sua versão escrita quanto em vídeo, a obra oferece elementos que despertam o interesse infantil, como ilustrações expressivas, o uso marcante de cores e uma linguagem acessível e adequada ao universo das crianças.

Sutton-Spence (2021, p. 50), em sua obra *Literatura em Libras*, reforça que “os sinais que têm a intenção de ilustrar têm sido chamados por Cuxac de estruturas altamente icônicas”. Tais arcabouços, no contexto da Libras, são marcadas por sinais em que a forma se assemelha ao objeto ou à ação que representam, o que beneficia a compreensão da narrativa, logo, é importante para o processo de aquisição da língua de sinais.

Nesse sentido, a literatura em Libras é uma grande aliada pedagógica na Educação Infantil, visto que potencializa a aprendizagem lúdica e o apelo visual. Sendo assim, a contação de histórias, torna-se “uma grande estratégia pedagógica, que favorece significativamente a prática docente na Educação Infantil (Sousa e Bernardino, 2011, p. 237). Além do mais, possibilita uma experiência de aprendizagem mais relevante e prazerosa para as crianças surdas.

Adicionalmente, constata-se que a obra em questão permite a leitura não só por meio de imagens, mas também por meio da escrita de sinais — a *SignWriting*. Conforme citado anteriormente, a literatura lançada nesse sistema de escrita tem ganhado destaque e se consolidado como parte do acervo cultural e linguístico da comunidade surda, o que promove maior acessibilidade e valorização da Libras enquanto língua legítima. Neste contexto, Leite (2009, p. 54), ao analisar o surgimento da escrita discorre que: A humanidade descobriu uma

forma de fazer um registro da língua, isto é, de tornar a língua permanente. As marcas que hoje aparecem no computador e no papel, e que antigamente apareciam no papiro, no barro, nas pedras, fazem com que as palavras da língua não deixem de existir, tão logo sejam enunciadas. A língua é capaz de durar, na escrita, infinitamente mais do que na fala. Isso acontece por envolver todos os parâmetros da Libras, que são a configuração de mãos, os pontos de articulação, os movimentos, a orientação das mãos e as expressões tanto faciais como corporais.

Além disso, a história também traz à tona alguns temas importantes, o primeiro a ser observado é que o feijãozinho se sente isolado das pessoas. Os pais são ouvintes e não conseguiam entender que o filho era surdo. Só após o aparecimento da fada é que ele consegue se relacionar com os pais tal isolamento além de trazer angústia e sentimentos de não pertencimento, também prejudicava o conhecimento dos costumes, tradições, valores e interação com as pessoas.

Segundo Hall (1997, p. 21), “Os costumes são criados nas relações sociais e influenciados pelos locais”. Ao aprender Libras e encontrar uma escola que o ensino é em Língua de Sinais acontece a inclusão, permitindo que ele tenha acesso a ambientes que valorizam a participação, compreende a diversidade eliminando o preconceito e a exclusão.

Outro ponto a ser observado, o uso da língua portuguesa no livro. É de suma importância que os surdos tenham uma educação bilíngue, mas também é necessário que eles aprendam a Língua Portuguesa (LP) como L2 no/do Brasil, uma vez que eles convivem no mundo dos ouvintes. É sabido que esse ensino será diferente, precisará ser visual para atender as necessidades desse público. Trabalhos apresentados em eventos como o CONEDU (2023) também destacam a importância da literatura surda na formação pedagógica e identitária das crianças. Isso também fica evidente no Plano Nacional de Educação, na sua meta 4 e estratégia 4.7:

Garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - Libras como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezessete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdocegos (Brasil, 2014, n.p).

Além disso, a modalidade é inclusiva, pois ela é visual e vai permitir o acesso a informações, a interação, a comunicação, auxiliando também no desenvolvimento cognitivo e de habilidades. Skliar (1997, p. 56), “Já afirmo que ser surdo é pertencer a um mundo de

experiência visual e não auditiva”. O convívio que a inclusão permite nas palavras de Collares é “[...] um espaço de vida no qual se faz história, que é construída e reconstruída a cada dia. É um lugar onde se tomam decisões e se constroem um fazer solidário, no qual todos têm o que aprender e ensinar ao outro” (Collares, 2003, p. 53).

Diante do exposto, fica evidente que a Literatura Surda enfrenta muitos desafios. Desafios esses que são causados pela falta de reconhecimento que essa comunidade sofre, assim como a falta reconhecimento da sua língua materna que é a Língua de Sinais, a falta de materiais acessíveis a esse grupo e a exclusão. Para superar esses desafios envolvem-se ações que vão desde a formação de professores e intérpretes de Libras para que eles possam ter acesso a uma educação de qualidade, faz-se necessário também a implementação da Libras como disciplina escolar em todos os níveis e modalidades de educação. Damázio (2007) cita tanto a importância da aprendizagem em Libras, como a formação de professores beneficiam estudantes surdos:

[...] é ideal para os alunos com surdez pelo fato de a estrutura, o tipo de comunicação, os métodos de ensino da língua oral e da escrita serem específicos, facilitando aos professores a atuação, pois agiliza o trabalho, já que não se expõem esses alunos ao modelo padrão ouvintista e valoriza-se a igualdade de condições entre pares, respeitando-se a língua gestual visual, a cultura, a identidade surda (Damázio, 2007, n.p.)

Além disso, Brito e outros autores (2022) também defendem a importância de Libras como disciplina nas escolas. “[...] é notória a necessidade de Libras como disciplina curricular” (Brito et al., 2022, p. 149). Ademais, campanhas de conscientização da sociedade citando a importância da inclusão, do respeito a esse grupo e da propagação da Língua de Sinais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo analisar a obra *O Feijãozinho Surdo* como patrimônio cultural literário da comunidade surda, investigando sua importância na valorização da identidade surda, na preservação da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e na promoção da representatividade cultural e educacional da comunidade surda. Observou-se a relevância da Literatura Surda para a comunidade surda, uma vez que ela representa a produção de textos literários em língua de sinais, traduzindo a experiência visual e compreendendo o ser surdo não

como ausência, mas como presença. Essa forma de expressão possibilita novas representações sobre os surdos e os reconhece como um grupo linguístico e cultural distinto (Kaenopp, 2010).

Desse modo, constata-se que a Literatura Surda abrange aspectos fundamentais da comunidade, da identidade e da cultura surda. Fortalecendo a comunidade ao promover vida, convívio, autonomia, e à medida que fomenta a luta por direitos e pela participação ativa na sociedade. É uma literatura feita por surdos, geralmente membros da comunidade surda, de acordo com Sutton-Spence (2021). Além disso, compreendeu-se que a Literatura Surda e em Libras apesar de terem sido, ao longo da história, prejudicadas pela falta de registros, atualmente o cenário tem se transformado, permitindo à comunidade surda documentar suas obras e construir seu próprio acervo cultural.

Nota-se ainda, que a Literatura Surda e Visual contribui de forma significativa para o desenvolvimento cognitivo e linguístico da comunidade, ao se proporcionar o contato com suas próprias histórias, tradições e valores. Nesse viés, possibilita também que os sujeitos surdos criem e recriem novas narrativas, reafirmando sua identidade e ampliando suas formas de expressão. Além do que fortalece a comunidade surda, pois não existe literatura surda em Libras sem a comunidade surda. Isso se confirma a citação de Sutton-Spence (2021, p.40) em que “Há muitos exemplos de literatura surda criada e apresentada nas línguas de sinais e que tem como características ser feita por surdos, tratar da experiência de ser surdo e do conhecimento da cultura surda”. Ademais ainda nessa esteira, a literatura em Libras age como um instrumento de fortalecimento, empoderamento da luta pelos direitos da comunidade, além de promover a valorização da Língua de Sinais. Como destaca Paulo Freire (2000, p. 40), é essencial que os sujeitos surdos sejam “um ser capaz de intervir no mundo e não só de a ele se adaptar”.

O desenvolvimento desse artigo pode contribuir para surdos como ouvintes, assim como incentivar o aprendizado da língua de sinais e o entendimento da importância da escola bilíngue como foi observando na obra literária *Feijãozinho surdo*. As áreas da educação, política e sociais podem ser beneficiadas contribuindo para o entendimento de como são as características e necessidades desse público. Além de promover o respeito, a igualdade e a inclusão estão entre as vantagens de se estudar a comunidade surda.

Conforme afirma Montoan (2003), “Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças”, e a visibilidade proporcionada pela Literatura Surda contribui para a redução do preconceito e para a efetiva inclusão social dos surdos, o que colabora para a formação de

cidadãos críticos, conscientes de seu papel social e capazes de transformar a realidade em que vivem.

REFERÊNCIAS

ALVES, U.; KARNOPP, L. *Surdos e suas histórias*. Porto Alegre: Editora Universitária, 2003.

ARAÚJO, A. et al. Inclusão de surdos na educação básica: avanços e desafios. In: **GOLDFELD, M.** (Org.). *Inclusão e diversidade na educação básica*. Porto Alegre: Editora Universitária, 2015.

BAHAN, B. A jornada da literatura surda. In: **BAUMAN, H. L.** (Org.). *Open your eyes: Deaf Studies talking*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

BRASIL. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRITO, M. D. O. et al. O Ensino de Libras em uma Escola Pública: vivências e experiências de um estágio supervisionado em Libras. *Rebena - Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem*, v. 4, p. 143–150, 2022.

CARDANO, Mario. *Manual de pesquisa qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação*. Tradução: Elisabeth da Rosa Conill. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

CASSEMIRO, J. C. de S. *A literatura bilíngue como prática de inclusão escolar*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Catalão. Disponível em: https://prod.ufcat.edu.br:1337/uploads/05_TCC_Juliana_Cassemiro_de_Souza_6ac2a076cc.pdf. Acesso em: 10 jun. 2025.

COELHO, N. N. *Literatura infantil: teorias, análises e sugestões de leitura*. São Paulo: Ática, 1997.

COLLARES, D. *Epistemologia genética e pesquisa docente: estudo das ações no contexto escolar*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

CONSTITUIÇÃO (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

DAMÁZIO, M. F. M. *Deficiência auditiva*. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

DAMÁZIO, M. F. M.; ALVES, C. B.; FERREIRA, J. P. A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: abordagem bilíngue na escolarização de surdos. [S.l.]: [s.n.], [s.d.].

DORNELLES, V. L. R. *Multiculturalismo e artefatos culturais na escola*. Porto Alegre: Mediação, 2010.

DORON, R.; PAROT, F. *Dicionário de Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERNANDES, E. *A construção do discurso sobre a surdez: um estudo a partir da perspectiva da pedagogia cultural*. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2006.

FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HEIDI, R. Performance literária em língua de sinais. In: **BAUMAN, H. L.** (Org.). *Open your eyes: Deaf Studies talking*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006.

KALINKE, M. T. *Multimeios: suporte pedagógico no processo ensino-aprendizagem*. Curitiba: IESDE Brasil, 1999.

KARNOPP, L. *A língua de sinais e o bilingüismo*. Porto Alegre: Mediação, 2008.

KARNOPP, L. Literatura Surda: textos produzidos em Língua de Sinais. In: **SKLIAR, C.** (Org.). *Atualidade da Educação Bilíngue*. Porto Alegre: Mediação, 2006.

KARNOPP, L. Produções culturais de surdos: análise de literatura surda. *Cadernos de Educação: Educação de Surdos*, Ano 19, n. 36, p. 155–174, 2010.

KILE, J.; WOLL, B. *The Deaf Way: perspectives from the international conference on Deaf culture*. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 1985.

KUCHENBECKER, L. G. *O feijãozinho surdo*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019. Ilustrações da autora. Tradução para SignWriting: Erika Vanessa de Lima Silva; Ana Paula Gomes Lara.

LEITE, T. A.; MCCLEARY, L. Estudo em diário: fatores complicadores e facilitadores no processo de aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira por um adulto ouvinte. In: **QUADROS, R. M.; PERLIN, G.** (Org.). *Estudos Surdos IV*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

MARQUEZI, T. SignWriting: a escrita de sinais como ferramenta pedagógica. *Cadernos de Educação*, v. 22, n. 2, p. 107–122, 2019.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças. *Revista Nova Escola*, São Paulo: Editora Abril, ed. 192, p. 24–26, maio 2005.

MIANES, D. A.; MÜLLER, M. P.; FURTADO, L. M. Identidades surdas e literatura em Libras. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 24, n. 40, p. 55–64, 2011.

OLIVEIRA, R. R. de. A contação de histórias como prática pedagógica com crianças surdas. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 16, n. 185, p. 7–12, 2016.

PAJEÚ, A. M.; MIOTELLO, V. Cultura e identidade na surdez: um olhar bakhtiniano. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 24, n. 2, p. 257–274, 2018.

PERLIN, G. M. *Identidades surdas: práticas e representações sociais*. Porto Alegre: Mediação, 2013.

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – PNE. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

PORTO, R. C.; PEIXOTO, C. Tradução e adaptação de textos infantis para Libras. *Revista Tradução em Revista*, v. 11, n. 2, 2011.

REDALYC. Cultura e identidade nas práticas literárias surdas. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3131/313154906015/html/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

REDALYC. Literatura Surda e práticas de ensino. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5639/563968380011/html/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

REILY, L. *Educação de surdos: desafios e possibilidades*. São Paulo: Cortez, 2004.

ROSA, A. S.; CRUZ, C. C. Internet: fator de inclusão da pessoa surda. *Revista Online da Biblioteca Joel Martins*, Campinas, v. 2, n. 3, p. 38–54, jun. 2001. Acesso em: 16 maio 2009.

SILVEIRA, A.; KARNOPP, L.; ROSA, L. M. *Cinderela Surda*. Santa Maria: UFSM, 2003.

SKLIAR, C. *Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 2001.

SKLIAR, C. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 4. ed. atual. ortog. Porto Alegre: Mediação, 2010.

SOUSA, A. G.; BERNARDINO, L. M. A literatura infantil como estratégia pedagógica. *Revista Interdisciplinar*, v. 8, n. 2, p. 237–250, 2011.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STROBEL, K. *As imagens do “nós” na educação de surdos*. Petrópolis: Vozes, 2008.

SUTTON-SPENCE, R. *Literatura em Libras*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

SUTTON-SPENCE, R.; KANEKO, M. A. *Introdução à Libras: língua brasileira de sinais para iniciantes*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

YOUTUBE. O que é Literatura Surda? Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=wu8ZMeWncDs>. Acesso em: 10 jun. 2025.

YOUTUBE. [Sem título]. Disponível em:
<https://youtube.com/watch?v=9sWyuV9DiI4&feature=shared>. Acesso em: 10 jun. 2025.